

## **ENCONTROS E CONFRONTOS SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E DE ENSINO. E AGORA PROFESSOR CONTÁBIL?**

### **RESUMO**

Todo professor, pedagogo, facilitador, educador, formador, quem quer, enfim, que esteja comprometido com o processo que consiste em conduzir outra pessoa a aprender, um dia faz a si mesmo aquelas perguntas fundamentais: Como se aprende? Como podemos otimizar o aprendizado de nossos alunos?

Os multicaminhos que o professor contábil deve percorrer, incertezas, inovações, desempenhos, proporcionam uma visão de multiplicidade de influências, pressões, abordagens emergentes, procedimentos, equacionamentos e respostas que o mesmo pode dar em face da complexidade de que se reveste a sua ação de educador.

O trabalho tem por objetivo levantar polêmicas para o desempenho adequado do processo ensino-aprendizagem. Os resultados alcançados com a pesquisa, demonstram e definem que o estilo e as posições pessoais do professor do ensino contábil resultam de seu treinamento, e também na busca de conhecimentos outros que recebe e aceleradas mudanças no mundo da Educação. Como conclusão a proposição e adoção de novos métodos de ensino e técnicas amparadas na psicologia pedagógica, didática pedagógica e pedagogia emocional.

**PALAVRAS CHAVES:** Ensino.Educação.Aprendizagem.Contabilidade.Tipos Psicológicos.  
Pedagogia Emocional.

**ÁREA TEMÁTICA:** 3 .EDUCAÇÃO E PESQUISA EM CONTABILIDADE

## 1. INTRODUÇÃO

Uma nova geração de professores do Ensino Contábil se defrontam com impasses e carências da própria formação, limites de sistema do processo ensino-aprendizagem e se defrontando com alunos da era da internet.

Como professor do Curso de Ciências Contábeis a 32 anos, constata-se há anos que professores e educadores questionam-se a respeito de métodos pedagógicos usados em sala de aula e no recente ensino à distância. A maioria das abordagens existentes concentra-se nas competências cognitivas. E quando se considera que o aprendizado é unicamente cognitivo, é lógico considerar também que se um aluno tem dificuldade para aprender é porque o problema deve ser de ordem cognitiva. No entanto, o caso nem sempre é esse: muitos alunos que apresentam dificuldades de aprendizado, não manifestam problema cognitivo. Como explicar esta questão?

Hoje, muitos pesquisadores apontam para um outro ângulo de abordagem: o das competências emocionais. Afirmam a importância do “sentir” para “aprender”, pois entendem que o aspecto cognitivo embora importante, não é suficiente e capaz de responder a todas as questões relativas ao aprendizado e as suas dificuldades.

Assim, nos professores do ensino contábil comprometidos realmente com o processo que consiste em conduzir outra pessoa a aprender, temos que fazer a seguinte reflexão: Como se aprende? Porque alguns alunos têm tanta dificuldade para aprender e outros tanta facilidade? Como podemos otimizar o aprendizado de nossos alunos?

Portanto, neste trabalho abordaremos questões tais como: Processo Ensino-Aprendizagem; o Professor; o Ensino Contábil; Processos Psicológicos; e sob o ângulo do ensino emocional tão reconhecido para a maioria de estudiosos. Não porque acreditemos que o aspecto cognitivo não seja importante, mas porque ele nos parece insuficiente e incapaz de responder a todas as questões relativas ao aprendizado e as suas dificuldades. Nossa ênfase portanto, recairá sobre outro campo de competências e sobre partes do cérebro que lhes são associadas: as competências emocionais, tão desconhecida pela maioria dos professores do ensino contábil.

No relatório “compreender o cérebro: rumo a uma nova ciência do aprendizado” da Organização Para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), temos, a seguinte colocação:

*“....o aspecto emocional é em parte, responsável pela matriz cognitiva global presente no ser humano, e devemos levá-lo devidamente em consideração. [...] As neurociências cognitivas contemporâneas fornecem instrumentos para analisar os componentes finos da maneira pela qual tarefas específicas são tratadas. Tais análises vem se concentrando tradicionalmente sobre os aspectos cognitivos do aprendizado. Temos negligenciado as análises das zonas associadas às emoções e a afetividade, cujo papel nas funções cognitivas não foi, até agora, reconhecido. Conseqüentemente, a informação nesse campo é esparsa e incompleta. A ausência de medidas e fundamentos teóricos limita o progresso dos estudos a respeito da regulação emocional no âmbito na pratica educativa”.*

Atualmente muito se tem comentado nos meios do processo ensino-aprendizagem sobre o papel da Educação, do ensino, e do professor da Área Contábil. Será que os professores do Ensino Contábil têm a noção exata de sua importância e papel no processo? Na vida pessoal e profissional dos seus alunos? Ser professor do Curso de Ciência Contábeis é uma opção ou vocação? Conheço meus alunos? Suas atitudes? Seu estado psicológico?

Portanto, este trabalho tem por objetivos: o ensino; a educação, o professor, o aluno, a pedagogia emocional e o de fundar os alicerces, propondo aplicações concretas e integradas da inteligência nas estratégias pedagógicas.

É por esta e outras razões que estamos propondo incorporar uma nova visão no processo ensino-aprendizagem no ensino contábil: A pedagogia emocional, aquela que afirma que, para aprender, é necessário sentir.

## **2. A DIFERENÇA ENTRE O ENSINO E EDUCAÇÃO**

Para a maioria dos professores do Ensino Contábil, não há diferença entre o Ensino e a Educação. Faço esta colocação pela vivência dos 32 anos como educador na Área Contábil.

Para essa maioria, quem ensina educa e quem educa ensina, como se esses termos fossem sinônimos. Em realidade, ensinar significa instruir, e educar significa criar bons hábitos ou um bom caráter de conduta. O ensino, que é a instrução, se dirige ao intelecto e o enriquece. A Educação visa aos sentimentos e os põe sob controle da vontade.

Educar é convencer (não vencer) o educando de que ele nasceu para ser alguém, e preferencialmente um sujeito feliz. Ao passo que ensinar é mostrar e revigorar o já conhecido, despertar para o conhecer, mediar e participar, ajudar a obter acesso a material cultural, fazer diferenciações e estruturações, organizar e reorganizar, é criar o despertar da consciência.

Ensinar representa um método, uma técnica de causa e efeito que atua diretamente na aprendizagem. O ensino é conceituado como o conjunto de métodos e técnicas gerais e formais a partir da visão restrita de transmissão do conteúdo da cabeça do professor para a cabeça dos alunos ou como um treinamento e uma exercitação de habilidades. Para controlar este processo precisa-se de um saber técnico sobre os mecanismos psicológicos, sobre as interações entre as pessoas.

Talvez a maior pergunta a ser feita neste momento, seja como ensinar? Pois o processo de ensino envolve uma série de fatores que devem estar concatenados a obter um objetivo comum, o aprendizado.

Pode-se dizer que em primeiro momento o processo de ensino deveria começar a partir da constatação do estado atual do aluno quanto ao seu conhecimento em pauta. Em seguida, traçados os objetivos, o professor deveria utilizar-se de técnicas para despertar o interesse dos alunos, levando-os a ter contato com o dia-a-dia daquilo que se está ensinando, em um terceiro momento, o que vai pesar no processo de ensino é o relacionamento professor x aluno. Sua relação pessoal com o aluno poderá levar a um processo de ensino mais proveitoso e responsável, na medida em que, dependendo das atitudes do professor, o aluno se sentirá mais seguro a desenvolver suas habilidades ou demonstrar suas falhas.

Esta deve ser a atitude educacional do professor que se compromete com o ensino de qualidade: educar. E educar em sentido amplo, inculcando dignidade nos alunos em formação, orientando-os para a autonomia do pensar e por consequência para a emancipação.

## **3. O ENSINO COMO PROCESSO CRIATIVO NA CONTABILIDADE**

O ensino é uma das cinco funções especializadas que constituem o moderno complexo conhecido como profissão da educação.

Assim, ensinar é praticar do ponto efetivo da experiência de outra pessoa. Toma a forma de ajudar o indivíduo a obter acesso a material cultural que indica um mundo a ser experimentado, material cultural que consiste em todos os fatos, os modos de sentimento e os valores, as aptidões e os processos, as teorias, as questões e os meios de desenvolver novo conhecimento.

Observe-se que não estamos aqui discutindo “bom” ensino contábil, estamos tentando aprender a essência da função de ensino contábil. Ensino é sempre a execução, diretamente com alunos. Os aspectos específicos da função mediadora, que é o ensino, podem ser relacionados como:

1. Estruturar e reestruturar um ambiente que coloque à disposição dos alunos oportunidades de experiência.
2. Indicar possíveis experiências a realizar no ambiente criado, ou convidar de outras maneiras os alunos a aproveitarem oportunidades de experiência.
3. Participar com um indivíduo ou grupo do esclarecimento ou outras melhorias das diretrizes para a escolha de oportunidades de experiência.
4. Servir como modelo em transações interpessoais ou incentivar de outras maneiras a interação educativa.
5. Ajudar um indivíduo ou grupo a utilizar tempo, espaço, equipamento e materiais.
6. Ajudar um indivíduo ou grupo a obter informações, valores, aptidões e processos a partir de experiências.
7. Ajudar um indivíduo ou grupo a interpretar e avaliar experiências.

Com estas relações apontadas, podemos dizer que ensino é processo não repetitivo. Dois grupos de alunos nunca são iguais nem uma classe é a mesma de um dia para o outro. O mundo ao redor da sala de aula muda constantemente; o próprio professor muda. O professor tem abundantes oportunidades de “ser criativo” na maneira como lida com todas essas condições mutáveis. Se rejeita deliberadamente a alternativa de recair em uma reação habitual, sem pensamento, e torna conscientemente uma decisão baseada no exame dos fatores velhos e novos presentes numa situação, está-se empenhando em processo criativo.

#### 4. METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia adotada no trabalho é a pesquisa descritiva, através de revisões bibliográficas, já que neste contexto o descrever tem o significado de identificar, relatar, comparar, entre outros, com finalidade em extrair o máximo de informações sobre o tema proposto que enfatiza a importância do ensino contábil e o papel do professor no curso de Ciências Contábeis, em relação ao processo ensino-aprendizagem, com o objetivo ainda, de descrever e aprimorar as idéias, possibilitando a consideração dos mais variados aspectos do tema, como enfatiza Koeche (1997-pg 122):

*“O objetivo da pesquisa bibliográfica, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa.”*

A caracterização da pesquisa é a qualitativa, pois serão analisadas conceituações teórica e as diversas linhas de pensamentos dos estudiosos do assunto. Abordagem qualitativa segundo Erickson (1989) tem se afirmado como promissora possibilidade de investigação em pesquisas realizadas na área da Educação.

Por sua vez, a análise dos dados pesquisados foi realizada através de estudo aprofundado do assunto sobre as diversas linhas de pensamentos dos estudiosos, entre eles, Beuren:

*“Na contabilidade é bastante comum o uso da abordagem qualitativa como tipologia de pesquisa. Cabe lembrar que, apesar de a contabilidade lidar intensamente com números ela é uma ciência social e não uma ciência exata como alguns poderiam pensar, o que justifica a relevância do uso da abordagem qualitativa.” (Beuren, ET Al, 2008 pg92).*

Assim, o trabalho é desenvolvido através de referências teóricas, no intuito de abordagem geral sobre o tema, buscando situações passadas, do presente e futuras, de acordo

com estudiosos, para análises e novas reflexões sobre o assunto com sentido de melhoria do ensino contábil brasileiro.

## **5. A IMPORTÂNCIA DOS PROCESSOS PSICOLÓGICOS EMPREGADOS PELA DIDÁTICA**

Na sociedade globalizada, o homem sofre inúmeras formas de pressões, sociais, tecnológicas, científicas. Assim, o alargamento do saber torna-se imprescindível, a fim de que possa sobreviver sem se deixar emaranhar nesse caos. Na tentativa de sobressair-se a destruição muito pode colaborar a psicologia, preocupada em compreender e alterar ações comportamentais, enfatizando a interação do indivíduo através dos níveis psicossocial, psicofisiológico, existencial ou transcendente. Até que ponto o professor do ensino contábil vale-se dela para facilitar ao educando o crescimento do saber?

Professores do ensino contábil não se valem da psicologia em seu trabalho, pela falta de conhecimento ou, quando o fazem, não a utilizam de modo convincente, desperdiçando conhecimentos que podem solucionar problemas relacionados ao interesse, à atenção do aluno. A motivação, a autodisciplina ou a própria psicologia são utilizadas como recursos coercitivos e não como instrumentos eficazes para a aprendizagem, que depende do próprio aluno. Constata-se que, pela metodologia anacrônica e tradicional do ensino, utilizada ainda hoje no ensino contábil, uma parcela ínfima das aptidões e da capacidade de aprender é explorada.

Além disso, o interagir do professor pode servir como barreira intransponível. Quando o aluno depara com docente mal-humorado, que não planeja atividades, é intolerante ou exigente demais, injusto nas notas ao elaborar provas difíceis e fora da realidade, ignora a sensibilidade grupal, foge dos questionamentos, utiliza métodos e técnicas ultrapassadas, conteúdos inúteis e dissociados de sua realidade, isso leva-o a desinteressar-se pelas atividades.

Portanto, não é chegada a hora de o professor do ensino contábil valer-se da psicologia para redescobrir e canalizar suas forças internas através de relações cooperativas, geradoras da confiabilidade fundamental no inter-relacionamento professor-aluno, levando-os a mudanças de atitudes, responsáveis pelo desenvolvimento integral do discente? Estes têm uma importância mínima para nossos professores. A razão disto se impõem por si mesma. Com efeito, os recursos psicológicos no método didático têm, como finalidades principais, favorecer a compreensão das verdades científicas e estimular as vontades vacilantes no árduo trabalho que a formação exige.

### **5.1.O PROFESSOR CONTÁBIL E O CONHECIMENTO DAS FUNÇÕES PSÍQUICAS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Segundo Carl Gustav Jung, um dos maiores psicólogos do século XX, autor do livro “Tipos Psicológicos”, cada pessoa tem características, aptidões e habilidades diferenciadas que ele representou como o tipo psicológico individual. Essas diferenças, de caráter estritamente pessoal, seguem uma influência genética.

Jung afirma que cada ser humano pode ser caracterizado como sendo inicialmente orientado para seu interior ou para seu exterior, o que divide as pessoas em dois grandes grupos: os introvertidos e os extrovertidos.

Entretanto, o indivíduo não é totalmente introvertido ou extrovertido. Algumas vezes a introversão é mais apropriada, em outras ocasiões a extroversão é mais adequada, mas as duas atitudes se excluem mutuamente, de forma que não se pode manter ao mesmo tempo. Jung também enfatiza que nenhuma das duas é melhor que a outra, lembrando que o mundo precisa desses dois tipos de pessoas.

Os introvertidos representam 25% das pessoas, e tendem a preferir um ambiente de aprendizagem onde possam ter concentração e aprofundar-se em um problema ou projeto, aprendem mais isoladamente.

Já os extrovertidos representam 75% das pessoas, tendo por referência por absorver energia do mundo exterior das pessoas, atividades e coisas, gostam de trabalhar em grupo para trocar idéias e informações.

Jung demonstra, que as pessoas têm diferentes características comportamentais, habilidades, aptidões, atitudes e motivações que vão caracterizar os TIPOS PSICOLÓGICOS. O modo preferencial de uma pessoa reagir ao mundo deve-se, dentre outras coisas, à herança genética, às influências familiares e às experiências que o indivíduo teve ao longo de sua vida.

Além dos dois tipos de atitude- **introversão** e **extroversão** – Jung verificou que havia uma diferença entre as pessoas de um mesmo grupo, ou seja, um introvertido poderia diferir muito de outro introvertido.

Para Jung, essas diferenças entre os indivíduos eram causadas pelas funções e/ou processos mentais, preferencialmente utilizados pela pessoa para se relacionar com o mundo externo ou interno.

As funções psíquicas, juntamente com as atitudes de introversão e extroversão, representam os TIPOS PSICOLÓGICOS. Jung distinguiu quatro funções psíquicas: sensação, intuição, pensamento e sentimento.

Existem duas maneiras através das quais percebemos as coisas – Sensação e Intuição – e existem outras duas, que usamos para julgar os fatos – Pensamento e Sentimento.

Pessoas do tipo **Sensação** dão **atenção ao presente** e, portanto, tendem a ter os “pés no chão”. Essas pessoas têm enfoque no real e no concreto, costumam ser práticas, realistas e voltadas para o “aqui-agora”. Preocupam-se mais em manter as coisas funcionando do que em criar novos caminhos. Preferem também ver as partes ao invés do todo.

O oposto da função sensação é a função **Intuição**, onde a apreensão do ambiente geralmente acontece por meio de “pressentimentos”, “palpites” ou “inspiração”. A intuição busca os significados, as relações e possibilidades futuras da informação recebida. Os fatos são apreendidos no seu conjunto.

As pessoas que utilizam o **Pensamento** fazem uma análise **lógica e racional dos fatos**: julgam, classificam e discriminam uma coisa da outra sem maior interesse pelo valor afetivo. Naturalmente voltadas para a razão, procuram ser imparciais em seus julgamentos, sem levar em conta a interferência de valores pessoais. Tendem a lidar melhor com processos lógicos e formais.

A função racional que se contrapõe à função Pensamento é a função **Sentimento**. Quem usa o sentimento **julga o valor intrínseco das coisas**, tende a valorizar os sentimentos em suas avaliações, tem facilidades no contato social, preocupa-se com a harmonia do ambiente. As pessoas que preferem tomar decisões com base no sentimento utiliza-se de valores pessoais, mesmo que essas decisões não tenham objetividade do ponto de vista da causalidade. Por valorizarem impressões pessoais, tendem a se voltar para as relações interpessoais, preocupando-se com os sentimentos e valores de outros.

Ao demonstrar as quatro funções, Jung anotou que “sob o conceito de sensação pretendo abranger todas as percepções através dos órgãos sensoriais; o pensamento é a função do conhecimento intelectual e da formação lógica de conclusões; por sentimento entendo uma função que avalia as coisas subjetivamente e por intuição entendo a percepção por vias inconscientes... A sensação constata o que realmente está presente.

Cabe ressaltar que Jung não pretendeu rotular ou criar estereótipos em relação às pessoas quanto ao tipo psicológico. Ele chegou a afirmar que “a tipologia psicológica não tem a finalidade de dividir as pessoas em categorias, e que a tipologia representa uma ajuda para a compreensão das variações individuais...”

### 5.1.1. FUNÇÃO SENSACÃO

Jung classificou a sensação e a intuição juntas, como as formas de apreender informações, diferentemente das formas de tomar decisões. A sensação se refere a um enfoque na experiência direta, na percepção de detalhes, de fatos concretos. A sensação reporta-se ao que uma pessoa pode ver, tocar, cheirar. É a experiência concreta e tem sempre prioridade sobre a discussão ou a análise da experiência.

Os tipos tendem a responder à situação vivencial imediata, e lidam eficientemente com todos os tipos de crises e emergências. Em geral eles estão sempre prontos para o momento atual, adaptam-se facilmente às emergências do cotidiano, trabalham melhor com instrumentos, aparelhos, veículos e utensílios do que qualquer um dos outros tipos.

### 5.1.2. FUNÇÃO INTUIÇÃO

A intuição é uma forma de processar informações em termos de experiência passada, objetivos futuros e processos inconscientes. As implicações da experiência (o que poderia acontecer, o que é possível) são mais importantes para os intuitivos do que a experiência real por si mesma. Pessoas predominate intuitivas dão significado às suas percepções com tamanha rapidez que, quase sempre, não conseguem separar suas interpretações conscientes dos dados sensoriais brutos obtidos. Os intuitivos processam informações muito depressa e relacionam de forma automática, a experiência passada com as informações relevantes da experiência imediata.

### 5.1.3. FUNÇÃO PENSAMENTO

Jung definiu o pensamento e o sentimento como maneiras alternativas de elaborar julgamento e tomar decisões. O Pensamento está relacionado com a verdade, com julgamentos derivados de critérios impessoais, lógicos e objetivos. As pessoas nas quais predomina a função do Pensamento são chamadas de Reflexivas. Esses tipos reflexivos são grandes planejadores e tendem a se agarrar a seus planos e teorias, ainda que sejam confrontados com contraditória evidência.

### 5.1.4. FUNÇÃO SENTIMENTO

Já os tipos sentimentais são orientados para o aspecto emocional da experiência. Eles preferem emoções fortes e intensas, ainda que negativas, a experiências apáticas e mornas. Os princípios abstratos são altamente valorizados pela pessoa sentimental. Para ela, tomar decisões deve ser de acordo com julgamentos de valores próprios, como por exemplo, valores do bom ou do mau, do certo ou do errado, agradável ou desagradável, ao invés de julgar em termos de lógica ou eficiência, como faz o reflexivo.

## 5.2. TIPO FUNCIONAL

Nosso tipo funcional indica nossas forças e franquezas relativas e o estilo de atividade que tendemos a preferir. A tipologia de Jung é especialmente útil no relacionamento interpessoal, ajudando-nos a compreender os relacionamentos sociais. Ela descreve como as pessoas percebem, usam critérios, agem e fazem julgamentos. Por exemplo, os oradores Intuitivos-Sentimentais não terão um estilo de conferência lógico, firmemente organizado e detalhado como são os oradores Reflexivos-Sensitivos. É provável que seus discursos sejam divagações, que apresentam o sentido de um tema abordando-o sob vários ângulos diferentes, ao invés de desenvolvê-lo sistematicamente.

Jung chamou as funções menos desenvolvidas em cada pessoa de funções inferiores. Inferior é a função menos consciente, mais primitiva e menos diferenciada. Essa função inferior pode representar uma influência demoníaca para algumas pessoas, pelo fato de terem pouco ou nenhum entendimento ou controle sobre ela. Por, exemplo, tipos cuja função mais

forte é a intuitiva, podem achar que os impulsos cerebrais parecem misteriosos ou até perigosamente fora de controle pelo fato e haver excessiva falta de contato com a função sensitiva.

### **5.3. A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DOS TIPOS PSICOLÓGICOS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Estudos realizados com alunos confirmam a existência da intelectualização exacerbada. A análise dos programas das diversas disciplinas ministradas aos alunos revelou uma predominância ao atendimento da função pensamento.

Essa predominância ao atendimento da função pensamento implica não-oferecimento das condições favoráveis e satisfatórias ao atendimento de todos os alunos às suas idiossincrasias, ou seja, às funções dominantes. Os alunos do tipo sentimento, da sensação ou intuição estão sendo, provavelmente, prejudicados, pois como afirma Jung: *“Devemos sempre responder às pessoas através da sua função principal, ao contrário, não se estabelecerá contato.”*

Diversos estudos na área de aprendizagem ilustram diversidade na capacidade de resolução de problemas e permitem estabelecer relações com tipos psicológicos.

Na perspectiva das tipologias, a capacidade reflexiva está ligada à dimensão da introversão e da função pensamento, e a impulsividade à dimensão da percepção e sensação. Dependendo do predomínio dessas diversas funções, o indivíduo responderá impulsivamente ou ponderará várias possibilidades.

A capacidade de memorizar detalhes dos objetos ou eventos, estudada por diversos autores (Holzman, 1954; Gardner e outros, 1959; Holzman e Gardner, 1959, 1960) mostram também diferenças entre as pessoas. O tipo sensação extrovertida, por apreciar sensorialmente as coisas, se sairia melhor do que as pessoas dos demais tipos.

No que se refere à resolução de problemas, cabe assinalar mais alguns aspectos como:

- a) As pessoas extrovertidas cuja função principal é sentimento e a auxiliar é intuição mostram maior facilidade em expressar verbalmente suas idéias, mas não ao escrevê-las. Por isso, pensam melhor quando estão em contato com outras pessoas. Interessam-se pela leitura e pela teoria.
- b) As pessoas extrovertidas cuja função principal é a intuição e a auxiliar sentimento, são geralmente inovadoras e vislumbram sempre novas possibilidades e maneiras novas de fazer as coisas. Possuem grande imaginação e capacidade de tomar iniciativa e começar novos projetos. Na situação de problemas que requer a descoberta de caminhos novos, esse tipo de pessoa teria melhor desempenho.
- c) Já as pessoas extrovertidas, cuja função principal é pensamento usam o pensamento para controlar o mundo que as rodeia. São lógicas, com capacidade de crítica objetiva, analíticas e, por isso, nas situações de resolução de problemas que requerem o uso de argumentos lógicos e racionais, sobressaem. Porém, por serem impulsivos, correm o risco de tomar uma decisão precipitada, sem antes examinar cuidadosamente o problema.
- d) O tipo extrovertido, cuja função principal é sensação, resolve seus problemas através de uma atitude de adaptação. Por possuir habilidade em focalizar no momento presente e por ser realista, pode revelar-se bom resolvido problemas. É capaz de vislumbrar maneiras de se chegar a resultados usando as regras, sistemas e circunstâncias existentes de maneira nova e original. Aprende muito mais pela experiência concreta que pelos livros e alcança melhor desempenho em provas práticas do que em exames escritos. Só irá confiar em idéias/teorias quando as virem testadas na prática.



- e) O tipo introvertido, cuja função principal é intuição, é inovador no campo das idéias. Confia na intuição e apresenta facilidade de chegar até os significados mais profundos de uma área de conhecimento, não dando importância ao que outras pessoas ou autoridades reconhecidas possam pensar sobre determinado assunto.
- f) O tipo introvertido, cuja função principal é pensamento, usa o pensamento para localizar os princípios subjacentes às idéias que chegam à consciência. É também analítico, lógico, objetivo e presta mais atenção às idéias do que às pessoas que estão por trás das idéias. Por ser introvertido, prefere organizar conhecimentos e idéias do que atuar nas mais variadas situações. Apresenta grande curiosidade intelectual, interessa-se em tentar vislumbrar possibilidades além do senso comum, do conhecimento e do que está presente no momento e possui habilidade em elaborar soluções novas para os problemas.
- g) As pessoas introvertidas, cuja função principal é sensação, são extremamente confiáveis, perfeccionistas, diligentes e muito pacientes e perseverantes. São pessoas que lembram e utilizam um grande número de fatos, dando grande importância à sua fidedignidade. Apreciam muito que tudo seja apresentado da forma mais clara possível.

Nestas condições torna-se imprescindível da importância desse conhecimento por parte daqueles que são responsáveis pelo ensino contábil, para uma perspectiva educacional com visão reflexiva no sentido de motivação para com o processo ensino-aprendizagem. É só será conseguido pelos professores da área, quando estes tomarem e obtiverem um conhecimento mais profundo dos tipos e funções psicológicas das pessoas, de seus alunos. Demonstrando assim, como educadores comprometidos com o processo, a versatilidade para o estímulo das práticas educacionais positivas, para uma melhor formação do contador.

## **6. CONHECIMENTO DOS TIPOS DE MEMÓRIAS PARA A CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO CONTÁBIL.**

De que maneira o professor contábil deve organizar sua aula para que ele sem prejuízo dos conteúdos com os quais trabalha, possa estimular a memória dos seus alunos.

Creio que algumas providências são muito importantes. Talvez a mais importante, e nem sempre considerada, é o clima da aula. Se o clima da aula é marcado por uma relação austera, por uma relação áspera, por uma relação onde existe uma troca muito frágil de afeto, sem dúvida nenhuma não é um clima estimulador da memória. Estudos recentes mostram que nossa memória, em estado de tensão, tende a ser muito menos produtiva do que a memória num ambiente favorável. Se o professor com alegria, com espontaneidade, com respeito às individualidades, com serenidade, cria um clima favorável, é o primeiro passo para uma ativação da memória.

O segundo item, muito importante, é nunca fazer com que os conteúdos transmitidos sejam em espaços de tempo muito longo. Se o tema desenvolvido em sala de aula é de crucial importância, preciso aprender a segmentá-lo em espaços curtos, entretanto de uma outra atividade, que às vezes até resgata uma outra linguagem, para que realmente ele seja compreendido.

Um terceiro procedimento, é o professor ter o cuidado de resgatar quais as palavras chaves, quais as idéias estruturais, quais as orações semânticas que são cruciais no tema desenvolvido.

Não se exclui, como um quarto elemento, o eventual uso de estratégias mnemônicas, não estratégias mnemônicas mecanizadas, rotineiras, para que o aluno decore tudo. Mas estratégias mnemônicas para que, neste ou aquele sentido, neste ou naquele contexto, facilitar o processo aprendizagem.

Em linhas gerais, é possível dizer que todo aluno utiliza dois tipos de memória: a memória de curta duração, ou de curto prazo, e a memória de longa duração (memória propriamente dita).

A memória de curta duração tem a manutenção na mente por um período extremamente efêmero. É aquela memória de um instante, que se não for transformada em uma memória mais significativa e de longa duração, tende a se perder.

A memória de longa duração, que é a memória que temos de eventos, que são nossas lembranças, que corporificam nossa idéia de consciência e que, dentro de um plano de ensino, é a memória dos saberes ou daquela disciplina que usamos não apenas na vida, mas quando nos submetemos às formas de avanço.

Mas estes dois tipos de memórias acabam de certa forma subdividindo-se num outro elenco. Existe, uma memória do trabalho, que é uma memória do descobridor; que é a memória das nossas ações. Que é aquela memória de um aluno que desenvolve um conteúdo, apresentando-o na seqüência que naturalmente aprendeu.

Alem desta, existe a memória procedimental que é a memória que motiva os nossos procedimentos, como: de que maneira falar.

Um terceiro tipo de memória, é a explícita; é a memória, diria, mais utilizada na sala de aula. É a memória dos conceitos, das formulas, regras, é a memória, é a própria memória.

Diferentemente, existe uma memória que, como o nome identifica, é uma memória de fotos, lembranças, ocorrências, que se entrelaçam, que possuem e apresentam continuidade que demonstra um inicio, meio e fim.

E, para concluir, existe a memória semântica. Que é a memória das palavras, associar expressão.

Essa diferenciação dos tipos de memória pode, a primeira vista, parecer extremamente técnica, e sob certos aspectos o é, mais é importante que o professor da nossa área compreenda esses padrões de diferenças para que, quando trabalhá-la em sala de aula, saiba designar aquele tipo de ação que pretenda desenvolver, para aquele tipo de memória neste sentido estimulador.

O funcionamento da memória se dá em dois momentos muito significativos e que, conhecidos por parte do professor, podem conduzir partes de sua ação.

O primeiro estágio da memória se dá com a assimilação. Esta é trabalhada pelo hipocampo, uma área do cérebro, na parte interna do crânio entre as orelhas, que vai trabalhar relacionando aquelas situações que julgar convenientes, das que julgar inteiramente dispensáveis.

Assimilada esta informação, se julgo, se acredito que ela tem validade, o hipocampo a encaminha para o lóbulo frontal, onde começa a acertar o processo de raciocínio. Quando começa o processo de raciocínio, começa também o processo de assimilação. Se manifesta pela frase já sei, já percebi, já identifiquei. Esse raciocínio vai, evidentemente aprimorar este processo de seletividade e depois encaminhar, conforme a natureza deste conteúdo, dos diferentes tipos de memórias que anteriormente destacaremos.

Qual elemento deve levar em conta sobre o funcionamento da memória, para contextualizar uma aula e fazê-la mais produtiva? Vou dar uma aula e quero que ela, pelo menos por sua essência, seja guardada. Diria que há três forças, três elementos, três paradigmas que fazem o cérebro trabalhar e que induz a guardar coisas nas diferentes memórias.

O primeiro desses elementos, incontestavelmente, é a coerência.

Ora, desnecessário dizer que uma aula que não seja coerente para o aluno, é uma aula incapaz de excitar a memória. Não basta que o tema, que se trabalha seja coerente para o professor. É fundamental que ele tenha como mostrar a linguagem do aluno, para fazê-lo e que, ao aluno, esse tema se mostre coerente.

O segundo elemento para ativar a memória é a motivação. O aluno precisa estar intrinsecamente motivado, precisa estar querendo aprender. Se ele não está querendo aprender, preciso encontrar justificativas que o faça querer. Preciso que o aluno perceba, no movimento de minha expressão, o movimento de seu processo de aquisição e muitas vezes, apenas a aula expositiva é tão somente a aula literal de textos não contém os ingredientes necessários para a motivação. Daí porque às vezes jogos pedagógicos, metáforas, associações ao entorno do aluno, constroem esses elementos motivadores.

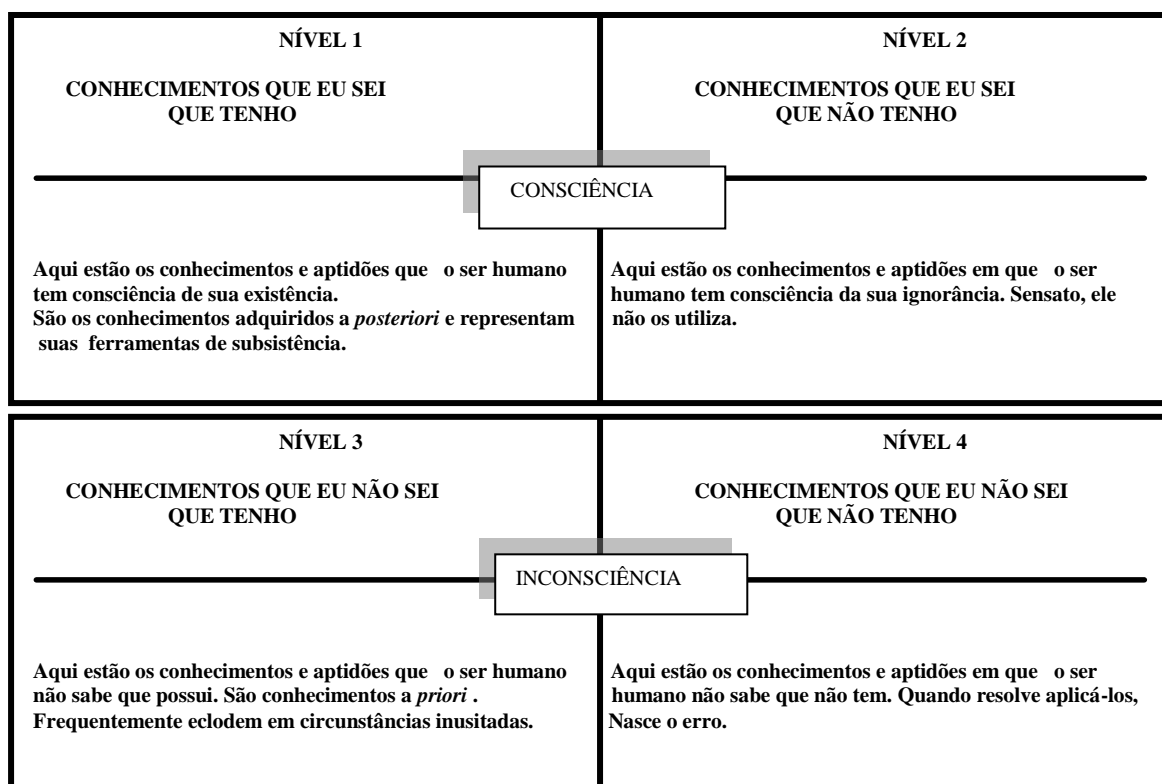
O terceiro pilar para ativar a memória é o da emoção. O que se aprende absolutamente desprovido de emoção, apresenta uma retenção muito breve, com relação a tudo que aprendemos com uma carga de emoção envolvida.

Portanto, como podemos ver o conhecimento por parte do professor contábil em relação aos tipos de memórias para a criatividade é importante para o processo ensino-aprendizagem e para a Educação.

## 7. OS NÍVEIS DO CONHECIMENTO HUMANO

Sob o enfoque da consciência humana, coexistem no universo do conhecimento humano quatro níveis distintos de limitação – os quais devem ser apresentados ao ser humano para que ele possa utilizá-los produtivamente. Dois níveis ligados à consciência do ser humano – são conhecimentos que ele tem e sabe que tem, ou conhecimentos que ele não tem e sabe que não tem; e outros dois níveis ligados à inconsciência – conhecimentos que ele tem e não sabe que tem, e conhecimentos que ele não tem e não sabe que não tem.

Estes níveis agrupam-se em dois ambientes. O primeiro está ligado à consciência da mente humana e diz respeito a todas as informações, dados, experiências, fatos e fenômenos controlados de forma deliberada pelo espírito do ser humano, sobre os quais ele detém controle, e, por isso mesmo, são racionais. O segundo está ligado à inconsciência da mente humana, ou seja, todas as informações, dados, experiências, fatos e fenômenos que não são controlados de forma deliberada, mas que agem no subconsciente, de forma instintiva e independente da vontade do ser humano.



### **1. Tudo que eu sei que sei**

Este nível é depositário de todo conhecimento e experiência adquirida de forma vivenciada. Incluem as experiências sofridas ou realizadas; ou ainda adquiridas de forma emprestada, acumuladas de forma visual e ou auditiva, assimilada pela leitura, pela escuta ou ainda como mero espectador.

Exemplos:

- Eu sei que sei andar de bicicleta;
- Eu sei que sei nadar em piscinas;
- Eu sei que sei utilizar o computador.

### **2. Tudo que sei que não sei**

Trata-se da conscientização das limitações do ser humano, ou seja a consciência dos conhecimentos e experiências que ele sabe que não tem, não vivenciou e não assistiu.

Exemplos:

- Eu sei que não sei pilotar um helicóptero;
- Eu sei que não sei como saltar de pára-quedas;
- Eu sei que não sei falar a língua alemã.

Do ponto de vista de sobrevivência e desenvolvimento do ser humano, a existência dessa consciência pode ser utilizada de forma positiva como alavanca para o progresso, pois se eu sei que não sei executar alguma tarefa, ou que não tenho determinado conhecimento, posso desenvolver atitudes e aprendizados que venham suprir minhas deficiências e prover minhas necessidades.

### **3. Tudo que eu não sei o que sei**

Relacionamos neste nível todos os conhecimentos utilizados instintivamente pelo ser humano no decorrer de algum acontecimento, os quais estão depositados em seu subconsciente, sem que ele tenha consciência de tal saber.

A maioria das pessoas, em face à determinada ação, reagem, e depois da reação estranham que tenham agido daquela forma (principalmente quando colocadas sob forte pressão psicológica). Inúmeros exemplos são colocados à divulgação, como pessoas que diante de situações catastróficas, conseguem oferecer auxílio aos mais necessitados, servindo-se de artifícios comuns apenas a experimentados profissionais. Ou ainda de pessoas que em face a uma circunstância inusitada apresentam soluções inimagináveis.

Conceitualmente, a existência desse nível de conhecimento é benéfica ao ser humano, à medida que o ajuda à solucionar problemas, mesmo nos casos em que, em princípio, ele imagine que não possui os conhecimentos necessários para a solução. Assim sendo, os conhecimentos existentes nesse nível não atrapalham o ser humano, ao contrário.

### **4. Tudo que eu não sei que não sei**

Trata-se do nível mais nebuloso do conhecimento humano, qual seja, a falta de consciência de que existem coisas que ele não sabe, que não é do seu domínio. Trata-se do nível de mais difícil conscientização, pois como explicar a alguém que existe algo que ele não sabe, se ele nem ao menos sabe que não sabe? Mesmo porque, todos, diante daquilo que não

sabe que não sabem, não consegue motivar-se. Mas é nesse nível, verdadeira terra de ninguém, onde podemos encontrar o nascedouro da maioria dos erros humanos.

Pelo exposto, podemos afirmar que o professor deve conhecer melhor estes níveis, para que possa desenvolver com mais eficácia e entender o processo ensino-aprendizagem.

## 8. O FATOR EMOCIONAL EM ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

As competências são asseguradas por estruturas cerebrais bem específicas. A tabela 1.1 resume as principais características de cada uma das competências no confronto da pedagogia cognitiva em oposição a pedagogia emocional.

COMPETÊNCIAS/ PARTICULARIDADES	COGNITIVAS	TÉCNICAS	RELACIONAIS	EMOCIONAIS
FUNÇÃO PRINCIPAL	Pensar	Fazer	Comunicar	Sentir
MODO DE FUNCIONAMENTO	Lógico e Racional	Motor e Intellectual	Verbal e não – verbal	Irracional e Impulsivo
TIPO DE APRENDIZADO	Cognitivo	Procedimental	Experimental	Associativo
MEMÓRIA	Declarativa	Procedimental	Relacional	Emocional
ESTRUTURA DO CÉREBRO	Hipocampo e córtex	Córtex, gyrus fusiforme, cerebelo	Córtex	Amígdala e lóbulo pré-frontal

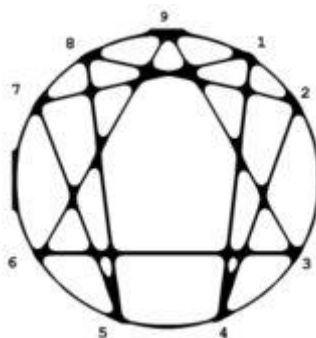
## 9. O CONHECIMENTO DO ENEAGRAMA

O Eneagrama é um símbolo milenar, uma ferramenta de auto conhecimento que permite mapear os traços de personalidades do ser humano e seus pontos fortes e fracos.

Através deste símbolo há a possibilidade de se descobrir dentre os 9 traços psicológicos, qual é o mais predominante no ser humano, pois todos estão presentes em nós, porém o fato de descobrir qual o traço mais significativo, é descobrir o potencial de exploração dos pensamentos, emoções ou necessidade.

Daí a importância de nós professores da Contabilidade termos conhecimento dos traços psicológicos de nossos alunos para melhor desenvolvimento da atividade de Educadores Megacompetentes, para a melhoria da qualidade de nossos alunos.

### 9.1. O ENEAGRAMA REVELA OS PERFÍS



- **Traço nº 1 – Tipo O Perfeccionista** – preocupados sempre em fazer o correto, acreditam que existe uma forma ideal de perceber atuar no mundo. Por isso, são extremamente críticos consigo mesmo e com os outros. A

renúncia das suas necessidades gera o ressentimento e a raiva, que são constantemente reprimidas pelo seu modelo de ser humano perfeito.

- **Traço nº 2 – Tipo O Prestativo** – estão sempre buscando ajudar os outros para receber como troca o amor das pessoas. Constroem suas relações de uma forma em que se tornem indispensáveis e se orgulham disso.
- **Traço nº 3 – Tipo O Narcisista** - buscam ser admirados e amados pelo sucesso de suas realizações. Sua principal área de interesse é o trabalho e confundem o seu “Eu real” com seu papel profissional diante do mundo. Torna-se aquilo que faz. Obcecados pela imagem, acabam reprimindo os próprios sentimentos e mimetizam a forma mais apropriada para exaltar seu desempenho em cada situação.
- **Traço nº 4 – Tipo O Artista** – focalizam sua atenção no amor ausente, sentindo-se frustrados quando o amor está ao alcance. Possuem, por isso, um forte sentimento de abandono e perda. Evitam o comum e o ordinário, o ideal nunca é o aqui e o agora. São trágicos, sensitivos, artísticos. Por outro lado, podem desenvolver uma profunda sensibilidade, emotividade e uma grande capacidade de auxiliar aos outros.
- **Traço nº 5 – Tipo O Observador** – sempre em busca da privacidade e do não envolvimento, supervalorizam o autocontrole em busca das chaves de funcionamento do mundo. Em sua fuga do mundo e necessidade de controle, armazenam conhecimento e buscam formas de explicar as emoções. Sua postura distanciada pode produzir análises mentalmente claras e confiáveis.
- **Traços nº 6 – Tipo O Contestador** – questionadores, sentem-se usualmente ameaçados, suspeitam das motivações dos outros e buscam pistas que comprometem a sensação de medo. Os tipos 6 fóbicos paralisam-se em situações de conflito. Por outro lado, os 6 contrafóbicos enfrentam o medo de forma agressiva. Em qualquer caso, o mundo sempre será um local ameaçador, o que o faz desenvolver a capacidade de identificar as intenções ocultas.
- **Traços nº 7 – Tipo O Aventureiro** – são geralmente alegres e radiantes, a vida deve ser de tudo prazerosa. Refugiam-se, contudo no prazer mental, evitando a dor e o sofrimento. Temendo a limitação, tentam escapar do compromisso mantendo múltiplas opções. Sua forma de prestar atenção às múltiplas possibilidades podem levá-los a sintetizar conexões e inovadoras.
- **Traço nº 8 – Tipo O Controlador** – preocupados com a justiça e o poder, combatem pela defesa de si mesmo e dos seus protegidos. Percebem as situações de formas extremas, tendendo à agressividade. Desejam previsibilidade e controle em suas vidas, porém, tendo-o alcançando, rapidamente tornam-se entediados e buscam novos desafios para defender.
- **Traço nº 9 – Tipo O Pacificador** – amáveis e agradáveis, levam a fama de serem “gente boa”. Estão sempre dispostos a prestar um auxílio aos outros, desviando-se, contudo, de seus desejos e metas pessoais. Por outro lado, podem ser excelentes diplomatas, conselheiros, negociadores e uma ótima companhia para um bom papo.

## 10. CONCLUSÃO

O papel do educador contábil consciente é testemunhar a seus alunos, diariamente, sua amorosidade, competência, tolerância, coerência entre o que faz o que diz, ser capaz de conviver com as diferenças para lutar com os antagonicos. Devemos estimular em nossos alunos à dúvida, a crítica, a curiosidade, a pergunta, o gosto do risco, a aventura de criar

convencendo a realidade do ser que está sob nossa responsabilidade, para, a partir daí, organizar e preparar ações pedagógicas para a diversidade e que se por à nossa frente.

O conhecimento de realidades e experiências que compõem a identificação de características vai abrir caminhos para melhor entendermos os problemas de novos e facilitar a compreensão e o desenvolvimento pessoal e profissional destes.

Para desenvolvermos este processo de conhecimento, é necessário que se investigue e estude: o aluno com sua linguagem própria, seus valores, desejos, frustrações, possibilidades, necessidades, capacidades, conhecimentos, habilidades, formas de aprender e seu estado psicológico; o professor, como alguém que precise manter-se atualizado, que não possui todo o saber, que está sujeito as falhas, que interagem com o aluno sabendo que este é o autor da própria aprendizagem. Fundamental é que o professor observe e se aprofunde na busca de conhecimento em estudos de realidade na qual a sua ação pedagógica será efetivada, para a realização d ações realistas, organizados e apropriados ao momento, elaborando seu plano de trabalho em coisas reais e significativas dentro do contexto de facilidades do processo ensino-aprendizagem.

O suposto geral do qual se parte de que os docentes da Área Contábil, não dominam aquilo que devem ensinar, dados de sua formação e capacitação tem tendindo tradicionalmente para saberes do tipo técnico em detrimento dos conhecimentos multidisciplinares, tais como: psicologia, pedagogia, filosofia, metodologia de ensino e outros.

Nestas condições propõem-se as adoções de novos métodos de ensino e técnicas amparadas para a melhoria do ensino-contábil:

- Psicologia Pedagógica que deve ocupar-se com as relações sociais, com os mecanismos das interações, entre aluno e professor entre alunos e alunos. As emoções e a subjetividade dos alunos são consideradas aqui como fatores importantes para melhorar a interação em sala de aula. O educador contábil precisa conhecer novos métodos existentes do conhecimento de técnicas psicológicas, do eneagrama, do imaginário e comportamentais para organizar, dirigir, avaliar e dominar esses processos.
- Didática-Pedagógica no processo de aprendizagem que deve ocupar-se com a forma de desenvolvimento do ensino, na parte de conteúdo e currículo para o tratamento, disciplinar do conhecimento, para o tratamento dos conceitos tópicos e formais, abstrações descontextualizadas.
- Pedagogia Emocional como nova visão do potencial humano com relação ao cérebro, para o desenvolvimento do aprendizado e do ensino, criando condições necessárias ao engajamento e à construção de seu saber.

Devemos cada um, parar e refletir. Pensar sobre a realidade em que acontece nossa pratica psicológica-pedagógica. Ampliar nossa prática e o que pode ser modificado, mantido e melhorado.

Como são meus alunos? Conheço-os como pessoas? Será que minha prática está adequada ao momento.

É preciso repensar a reforma e reformar nosso pensamento para uma educação e um ensino de mudança real e crescimento pessoal.

E', preciso mudar nossa atitude como educadores do ensino contábil para conosco, reconhecendo as necessidades, qualidades e assumindo com humildade de ações que nos faltam em atitudes favoráveis de ensino para o melhor desenvolvimento na formação do Contador.

## BIBLIOGRAFIA:

1. **Alvarez** Tostado, C. Platiquemos de la cálidas de la educacion. Universidade Autónoma de sinalaco, México, 1987;
2. **Bertaux**, P, e outros. A Educação do Futuro. Lisboa, Unisco-Bertrano, 1975;
3. **Beuren**, Maria Ilse Et Al. Como elaborar trabalhos monográficos em Contabilidade: Teoria e Prática. 3ed.SP, Atlas, 2008;
4. **Bordenave** Juan Dias e **Pereira**, Adair Martins. Estratégias de Ensino-Aprendizagem. Petrópolis, Vozes, 1977;
5. **Brearely**, M. e **Hitchfield**, E. Guia Prático para entender Piaget. São Paulo, Ibrasa, 1973;
6. **Bringuier**, Jean Claude. Conversando com Jean Piaget. Rio de Janeiro, Difel, 1978.
7. **Burile**, Joseph T. O Professor da Pré-escola à Universidade. Editora Vozes Rio de Janeiro. 2003;
8. **Castro** Claudio de Moura. Naufrágio Curricular. Revista Veja, Abril, nº 21, 29/05/2002;
9. **Demo**, Pedro. Desafios modernos da Educação. Petrópolis Vozes, 1973;
10. **Edwards**, V. El concepio de Calidad de La Educación. Oreale, Santiago de Chile, 1991;
11. **Erickson**, F. Métodos qualitativos de investigación. In: **Wittrock** M.C. La Ivestigación de La Ensenauza , II. Barcelona, Buenos Aires, México. Paidos, 1989;
12. **Hargreaves**, Andy. Professorado, Cultura y Posmodernidad. Morata, Madrid, 1996;
13. **Izami**, C. Educação Construtiva: Orientação para o século XXI. Fraiburgo/SC, 1993;
14. **Johnsan**, Lauren Keller. Dominó da Excelência. Zero Hora, pg 8, Gestão, Porto Alegre, 08/04/2002;
15. **Jung**, Carl Gustav. Os Tipos Psicológicos. Editora COP 2003, RJ.
16. **Köeche**, José Carlos. Fundamentos de Metodologia Científica: Teoria da Ciência e Prática da Pesquisa. 14. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997;
17. **Melges**, Walmir da Rocha. O erro e os quatro níveis do conhecimento. Revista Ted, Junho 2000, Ano VIII, Edição 90, São Paulo;
18. **Morim**, Edgar. Os setes saberes necessários à educação do futuro. São Paulo, 3ª edição, Cortez, 2001;
19. **Piaget**, Jean. Para onde vai a Educação? Rio de Janeiro, José Olympio/Unesco, 1973;
20. **Piletti**, C. Didática Geral. Ática, São Paulo, 1997;
21. **Rodriguez** Marcos, **Ana y Guterrez** Ruiz, Irene. Paradigimas Educativos y Formación del professorado. Madrid, 1995;
22. **Tardif**, J. Pour um Enseignemet Stratégique, L'Apport de Lá Psychologie Gognitive, Montreal, Les Editions Logiques, 1997;
23. **Vigotsky**, L.S. A Formação Social da Mente, SP, 1984;
24. **Wilson**, J. Como valorizar La Calidad de La Enseñanza. Barcelona, Painés, 1992;